

Projeto de revitalização do Porto do Rio de Janeiro: uma análise do discurso contemporâneo

Maria Beatriz Andreotti

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria José Marcondes

Unidade: Instituto de Artes | Unicamp

PIBIC | CNPQ

PALAVRAS CHAVES: PLANOS URBANOS CONTEMPORÂNEOS, REVITALIZAÇÃO DAS FRENTES MARÍTIMAS, PORTO DO RIO DE JANEIRO

INTRODUÇÃO

Este projeto de iniciação científica teve como propósito principal, analisar a proposta atual de revitalização da área do porto do Rio de Janeiro a partir do material elaborado pela Secretaria Municipal de Urbanismo/ RJ em conjunto com o Instituto Pereira Passos/ IPP- RJ. Tal análise partiu da perspectiva de reestruturação da cidade na rede de cidades globais, com grandes projetos de transformação urbana e de uma abordagem culturalista das cidades (cultural turn).

Em primeiro lugar buscou-se o entendimento do contexto em que estão inseridas as iniciativas de intervenção no espaço urbano na contemporaneidade. Isso posto, a tentativa foi a de conceituar projeto urbano e analisar as tendências contemporâneas. A partir do levantamento bibliográfico, caracterizar o projeto urbano para a área portuária do Rio de Janeiro. Na segunda fase o foco foi o projeto proposto pela municipalidade da cidade do Rio de Janeiro, no caderno intitulado “*Porto do Rio- Plano de revitalização da região portuária do Rio de Janeiro*” (2001). Com a apresentação desta proposta delineou-se uma análise crítica deste material e em seguida uma análise comparativa entre os projetos propostos para a cidade de Barcelona, o projeto de revitalização de Porto Madeiro, em Buenos Aires e a revitalização proposta para Recife.

CONTEXTO

As diversas cidades que apresentavam atividades portuárias inseridas em sua malha urbana passaram, no período entre 1980 e 2000, por uma retração ou deslocamento destas atividades e posterior renovação destas frentes marítimas com a conseqüente transferência destas atividades das áreas centrais para outras mais longínquas, levando assim as indústrias correlacionadas que formavam o conjunto das atividades portuárias. As frentes marítimas se tornaram então disponíveis e com localizações estratégicas por estarem próximas às áreas centrais. Vistas como fenômeno de “porta de entrada” abandonada, esvaziada funcionalmente e espacialmente, estes locais começaram a ser encarados como potenciais para renovação da cidade. Outras mudanças também foram responsáveis pela criação destas enormes áreas de vazio urbano. A mudança da lógica capitalista, que alterou a ordem na produção e venda, e a adoção de containers para o transporte e armazenamento das cargas, acarretaram em sérias modificações no espaço destinado ao porto. Isso somado aos processos de logística moderna e tecnologia da informação e na nova correlação de forças produtivas dos países desenvolvidos em que os processos de produção foram deslocados para os países asiáticos. Os projetos pioneiros de renovação destas áreas data da década de 70, com as intervenções nos portos de Baltimore e Boston, nos Estados Unidos. Dado o grande sucesso da intervenção, o modelo foi exportado para outras cidades, como as Docklands londrinas, que não tiveram a mesma sorte. Mais recentemente, as áreas portuárias residuais do capitalismo industrial, presentes nas grandes metrópoles do mundo, continuam sendo objeto de planos de retomada e ocupação.

PORTO DO RIO: PLANO DE RECUPERAÇÃO E REVITALIZAÇÃO DA ÁREA PORTUÁRIA.

O plano delimita para a sua área de intervenção os bairros da Gamboa, Saúde, Santo Cristo e Caju. Os três primeiros correspondem ao trecho do porto que deverá ser gradativamente incorporado a um uso mais amplo, como se pretende, a expansão da área central. Integra projetos que tem por fim a valorização do patrimônio cultural tombado, a reconquista de seus espaços urbanos, a melhoria de sua acessibilidade para novos fluxos e sua reativação a partir do comércio e de serviços. O projeto atual estrutura-se em núcleos de áreas especializadas como Transporte, Tecnologia e Comunicação, Habitação e Meio Ambiente, Turismo e Entretenimento, Turismo e Cultura. As propostas são colocadas e apresentadas como um primeiro passo proposto pela municipalidade que deverão se configurar como iniciais para o Plano de Recuperação e Revitalização da Região Portuária.

CONCLUSÕES

Otilia Arantes chama a atenção para o fato de que o que denomina a terceira geração da urbanística, somados aos efeitos da globalização sobre as políticas de ocupação do território urbano, procurou concentrar-se nas transformações mais vistosas de maiores investimentos públicos e privados e que serão maximamente valorizados, em poucas áreas que estão sobre o controle direto das grandes corporações financeiras. Pelo quadro de intervenções propostas apresentado por Barandier, ficam claras estas parcerias, que visam as regiões centrais mais valorizadas e que, por meio de acordos com o setor público, dividem grande parte dos gastos em infraestrutura em sua implementação. Desta maneira, os projetos urbanos usados como estratégia política, estruturam um discurso de cidade, colocando-os como uma mercadoria (estratégica e política) e conferindo-os de um novo sentido no contexto mundial. Os projetos urbanos contemporâneos trazem intrinsecamente a produção de discurso de cidade, a construção de “imagens de marca”, conectada à lógica global de espetacularização (cidades-espetáculo). E que possuem na verdade relações mais complexas do que estas apresentadas, como colocado por Sanchez, são *espaços capturados pelas relações de produção capitalista, que são incorporados aos processos de reestruturação urbana em curso podem se destinar à produção [do espaço] (...) ou propriamente ao consumo do espaço*.

As novas ações no sentido de implementar os “espaços de renovação” são cada vez mais homogêneos, moldados a partir de valores culturais e hábitos de consumo do espaço tornados dominantes. Estes espaços renovados e que determinam e/ou reforçam novas formas de inclusão/exclusão de grupos sociais. Contudo, tais áreas portuárias e outras, que hoje encontram-se em situação de vazio tanto funcional como espacial, representam possibilidades para expansão da cidade, e, em diversos projetos, conservando-se seu caráter de vazio, podem se configurar como amplos espaços públicos. Além disso, são áreas potenciais que devem ser reincorporadas às dinâmicas urbanas, criando novas relações no tecido já consolidado.

Bibliografia citada:

ARANTES, Otilia B. Fiori. Urbanismo em fim de linha. 2ª. Edição revista. São Paulo: Editora USP, 2001.

BARANDIER, Henrique. Projeto urbano no Rio de Janeiro e as propostas para a área central nos anos 1990. In A cidade pelo avesso.

SANCHEZ, Fernanda. A reinvenção das cidades para um mercado mundial. São Paulo: Argos, 2003.

